



IV Encontro Afirmativa: Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

Prática Decolonial em Saúde e Autoconhecimento: um relato de experiência

Bruna Souza da Cruz (UNEB – Campus I)

E-mail: brunascruz01@gmail.com

Orientador: Angelo Maurício de Amorim (UNEB – Campus I)

E-mail: amamorim@uneb.br

Palavras-Chave: Prática decolonial; Estudantes cotistas; Autoconhecimento.

Introdução

No tocante aos espaços acadêmicos e o lugar ocupado por estudantes cotistas, além das dificuldades de permanência, é imperioso destacar, segundo de Pinheiro (2019) a necessidade de repensar a prática pedagógica, bem como a investigativa, a partir da contestação da universalidade das bases epistemológicas às quais estamos expostos e, com isso, submetidos a um processo de apropriação e auto construção identitária forjados.

É nesse sentido que Almeida (2019) ao definir discriminação racial, como uma atribuição de tratamento diferenciado a indivíduos de grupos racialmente identificados, chama atenção para o produto desta: a estratificação social, ao longo do tempo. Sendo tal estratificação um fenômeno intergeracional, que afeta o percurso de vida de todos os membros de um grupo social, incluindo as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material.

Nesse contexto, a prática decolonial em saúde e autoconhecimento são cruciais para o enfrentamento constante vivenciado por alunos

cotistas em espaços acadêmicos, sobretudo, no que tange o seu pertencimento a tal espaço ou qualquer outro que o permita ascender. Esse cenário, reitera um traço um traço fundamental constitutivo da nossa identidade ancestral do povo negro, haja vista que desde a infância aprende-se, sobretudo na escola, que viemos de “escravos”. Assim sendo, não é desenvolvido sentimento de orgulho e privilégio acerca da origem, o que dá margem para a construção de uma relação psíquica causal e direta, a qual o atual rebaixamento social, a não detenção de bens materiais e imateriais é justificada pela relação com a origem (PINHEIRO, 2019).

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva relatar as etapas de elaboração de postagem para Instagram – desde a busca por referencial teórico até o alcance- sobre a temática práticas decoloniais aplicadas à saúde e ao autoconhecimento de estudantes cotistas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Metodologia

O presente trabalho é um relato de experiência, acerca do processo de busca e



IV Encontro Afirmativa:

Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

produção de conteúdo de postagens para Instagram, vivenciado por uma estudante cotista do curso de medicina, durante o período de vigência do Projeto de Extensão: Promoção de Saúde para estudantes cotistas da UNEB, sob uma perspectiva do subprojeto: prática decolonial em saúde e autoconhecimento. No período supracitado as atividades extensivas ficaram restritas ao ambiente virtual, devido ao contexto da pandemia de COVID-21, sendo as intervenções realizadas via Instagram: @descolonizarcomvida.

Nesse sentido, os posts cujas etapas de criação serão descritas apresentam como título as seguintes questões: cientistas negros e suas respectivas contribuições científico- tecnológicas, você sabia?; e saúde da população negra, você sabia?. Nesse contexto, um critério estabelecido para a busca teórica consistiu em contar as contribuições da população negra, sob uma ótica de autores negros, sendo Bárbara Carine Soares Pinheiro uma referência imprescindível, de tal forma que uma de suas obras “Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais” foi a escolhida como referencial teórico.

Resultados e Discussão

Acerca das intervenções abordadas via postagens, é imperioso destacar as motivações que permearam o planejamento e a seleção dos

temas, sendo uma das maiores, a controvérsia entre a necessidade da implementação de práticas decoloniais e campos epistêmicos, veementemente colonizados.

Nesse contexto, o despertar acerca das temáticas foi possível a partir da busca e leitura de algumas bibliografias de pessoas negras, cujas participações no campo da ciência foram de suma importância. No entanto, a ideia socialmente difundida é de que tal ou tais contribuições foram feitas por pessoas brancas, em detrimento de pessoas negras. O que é uma reverberação do eurocentrismo.

É nesse sentido que, segundo Quijano (2010) emerge a noção de decolonialidade, a qual parte da premissa de negação da colonialidade, haja vista que, teoricamente, o Brasil deixou de ser colônia de Portugal em 1822, mas os padrões de colonialidade permanecem fortes até os dias atuais. É nesse aspecto que a colonialidade é descrita como o padrão de poder criado pelo “colonizador” para controlar a subjetividade dos “povos colonizados”.

Assim sendo, a criação das postagens foi estabelecida com o intuito de desconstruir ideais colonizadores acerca da detenção de conhecimento científico e cultural que foram impostos e perpetuados. Com isso, um dos posts, inspirado no artigo “Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-



IV Encontro Afirmativa:

Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

Raciais” explicita cientistas negros ao lado de suas respectivas contribuições científicas.

Nesse sentido, é imperioso ressaltar que alguns dos comentários de estudantes cotistas acerca do post expressavam significativa surpresa, haja vista a não difusão de pessoas negras, sobretudo mulheres, como detentores de conhecimento acentuado.

É nessa perspectiva, que dentre os resultados almejados, despertar o estudante cotista sobre o seu lugar de pertencimento, a partir de evidências de que seus antepassados já ocuparam tal lugar, mas que foram brutalmente “arrancados de lá”, o principal. Sendo assim, revalidando a questão de que o sistema de cotas universitárias é uma reparação histórica.

Ademais, no tocante a saúde e autocuidado de estudantes cotistas, é crucial destacar que além das questões referentes ao pertencimento, tais indivíduos são atravessados por questões sociais e econômicas, que configuram as iniquidades em saúde, sendo isso, um reflexo das condições de saúde da população negra, bem como as demais menos favorecidas.

Sendo assim, a postagem referente a saúde da população negra, que teve como base teórica a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Esse referencial contém dados referentes a situação de saúde dessa população, assim como as destacadas na postagem, a saber: que os usuários

do SUS são majoritariamente negros, dos indivíduos que procuram atendimento médico anualmente, os pretos e pardos representam um menor percentual, chegando a ficar abaixo da média nacional (BRASIL, 2013).

É nesse sentido, que enquanto estudante cotista me vi atravessada por diversas questões supracitadas. Desde a dificuldade em me validar no ambiente universitário, enquanto eficiente e capaz de estar ali, até o precário conhecimento acerca dos saberes e contribuições de pessoas negras, o que afeta diretamente minha formação pessoal e profissional, haja vista que alcançar lugares, antes impossíveis pra os meus é um processo extenuante. Outra percepção emergente a partir da busca teórica e criação das postagens é acerca das iniquidades em saúde as quais a população negra está exposta, sobretudo o que tange o cuidado e a qualidade do atendimento, abaixo do esperado, se comparado com outras populações. Assim, me projetar futuramente enquanto uma profissional de saúde que acolhe e entende as demandas da população em que faço parte, renova e revalida a força para continuar e abrir caminho para que outros de nós conquistemos o que sempre foi nosso, por direito.

Dificuldades Encontradas

No tocante às dificuldades encontradas podem-se citar as buscas, tanto por informações quanto por fotos de cientistas negros, bem como a



IV Encontro Afirmativa:

Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

muito frequente e errônea associação de criações de pessoas negras atreladas a indivíduos brancos, europeus.

Conclusões

Por fim, os fatores colonizadores associados às iniquidades sociais, as quais a população negra está diretamente exposta ratifica a necessidade de ações de caráter decolonial e que fomentem as práticas de autocuidado, voltando o olhar desses indivíduos para si.

Conclui-se que as atividades realizadas durante a realização do projeto contribuem para problematizar os problemas advindos do racismo estrutural, contribuindo para acentuar o reconhecimento da população negra enquanto grupo detentor dos mais diversos saberes, dissociando este de histórias forjadas, disseminadas pelos colonizadores, sob uma perspectiva eurocêntrica.

Ademais, ao passo que estudantes cotistas conhecem e reconhecem os feitos verídicos de seus ascendentes, a ideia de pertencimento, seja no ambiente universitário ou qualquer outro que lhe pareça grande demais, será tido como merecido e demasiadamente conquistado.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelas permissões, possibilidades e direcionamento. Aos colegas – Igor e Mailson - do projeto, pela parceria e empatia ao longo do processo, o que sem dúvidas tornou a caminhada muito mais leve e proveitosa.

E, por fim, ao Prof^o, Dr. e orientador Angelo, por toda a disposição, paciência e contribuição ao longo de todo o processo.

Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 22 julho de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_integral_populacao.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2022.

PINHEIRO, B. C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 19, p. 329– 344, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.73–118